

# Reflexões sobre literatura e história

SALETE DE ALMEIDA CARA

Tentativas de mitologia, de Sérgio Buarque de Holanda, reúne trabalhos dispersos de crítica que foram publicados em jornais. A maioria deles, até 1952, no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, na *Folha de São Paulo* e no *Diário Carioca*, além de outros dois publicados em 1956 em *O Estado de S. Paulo* e de um terceiro que, originalmente publicado em 56 pela *Revista Brasileira*, foi refundido para constar na publicação em homenagem a Antonio Cândido, *Esboço de Figura* (1979).

Na apresentação do livro, Sérgio Buarque revê algumas das polêmicas que deram origem aos artigos e retoma de modo vivo e pitoresco suas relações pessoais com intelectuais de uma geração anterior, como João Ribeiro e Graça Aranha, cujo papel no movimento modernista de 22 vai ser assunto para o último texto do volume.

É uma abordagem muito divertida — quando revela fatos miúdos da convivência — e também importante — quando pincelados fundamentais para a compreensão de certos campos de força ideológicos, que marcaram as relações entre intelectual e realidade brasileira a partir de determinada época: a defesa do ideal de pureza étnica por um intelectual mestiço como Oliveira Vianna, sua tendência autoritária e antidemocrática filiada aos ideais integralistas, a ambígua sedução de Graça Aranha pelo anarquismo, sua relação com o futurista e pró-fascista Marinetti e, no campo literário, as combinações possíveis entre formação acadêmica e espírito modernista.

Os textos tratam sobretudo de questões de história e literatura, embora não deem conta, evidentemente, nem do historiador nem do excelente — e bissexto — crítico literário que foi Sérgio Buarque. Mas, mais do que o interesse que cada texto particular oferece, todo o livro como conjunto acaba propondo que se reflita sobre o resultado da superposição entre aquele que lê história (e que faz história) e aquele que lê literatura (e que faz crítica), atividades que se acabam encontrando numa zona comum, marcada por um profundo sentido do relativo.

É verdade que o historiador está no crítico literário que percorre a mudança dos traços ideais da beleza feminina, a ideologia do Arcadismo, o sentido do barroco. É verdade que a vivência com a história o faz ficar alerta ao perigo do anacronismo, do risco de "hipostasiar convenções modernas para convertê-las em invariável critério de apreciação estética".

Mas se há necessidade de manter a pesquisa histórica como pano de fundo (o que defende também quando pensa nas relações entre história e antropologia), a definição de um "clima histórico" pode, no entanto, "conduzir a precisões enganadoras".

Esse tipo de visão crítica está ligado às modernas concepções de história que, superando o positivismo, começam a pôr em xeque "fetichismo dos fatos", recuperando a intervenção do historiador como algo mais do que o simples registro (o que, num certo sentido, os próprios positivistas chegavam a reconhecer). O conceito de "imaginação do real", lembrado aqui por Sérgio Buarque, reúne "fidelidade ao real" (documentos, testemunhos) à recriação viva dos problemas históricos.

No entanto, esse tipo de visão crítica pode vir também do contato com o texto literário, já que esse estabelece com seu tempo histórico uma relação que nem sempre a visão da historiografia literária tradicional consegue dar conta. Talvez não tenha sido à toa que, ao ler o admirável cronista português do século XV, Fernão Lopes, interessava a Sérgio Buarque mais a curiosidade do estilo e a força da expressão do que a informação histórica.

O fato é que Sérgio Buarque, por um caminho ou por outro, toca na questão fundamental, que é a da necessidade de repensar o sentido (e as possibilidades) do objetivismo nas ciências humanas (onde a linguagem aparece como ator principal) e nas ciências naturais e matemáticas. Problema que já preocupou, entre outros, a A. Toynbee.

SALETE DE ALMEIDA CARA é professora de Comunicação Comparada na Faap

debates  
debates  
debates

crítica

sérgio b. de holanda  
TENTATIVAS  
DE MITOLOGIA

Tentativas de Mitologia, de Sérgio Buarque de Holanda. Volume 161 da coleção Debates, da Editora Perspectiva. São Paulo, 1979. 284 páginas. Cr\$ 270,00.

O que fica de básico é sua defesa da irredutibilidade, tanto da história quanto da literatura, a qualquer sequência previsível, a qualquer plano prévio que dê conta de uma ordem regular. Parece-me que a crença nessa ordem mensurável e previsível, como sua exclusão por princípio, decorreriam, em suma, de uma atitude intensamente dogmática, incompatível com o simples desejo de objetividade. E uma atitude dogmática na crítica ou na historiografia não é a única alternativa possível para o impressionismo, sempre vago e inconsequente."

A partir daí é que se pode compreender sua alergia às formas esquematizadoras: "(...) os excessos de análise, os excessos de simplificação, os excessos de aplicação (...) constituem a patologia de todas as técnicas convertidas em métodos, de todos os métodos convertidos em metodologias". É preciso ter em mente que Sérgio Buarque se estava referindo a um certo uso do "new-criticism", mas acaba tocando no ponto-chave das relações entre crítica e poesia: a possibilidade de métodos críticos aparentemente rigorosos, que se propõem a fazer uma anatomia do texto poético, acabarem como novas formas de impressionismo crítico, tão subjetivas quanto o impressionismo de fins do século. Além disso, são metodologias que correm o risco de descartar toda e qualquer obra que não se encaixe nos critérios de análise previamente estabelecidos.

Falando na apresentação sobre o crítico João Ribeiro, que, embora formado pelo gosto parnasiano-simbolista, soube de certa forma, adaptar seu olho aos novos tempos do modernismo, Sérgio Buarque justificava sua capacidade pelo fato de que, "como historiador e porque historiador, não se amarrava a uma visão estática de tantos dias idos e vindos".

De qualquer modo, a gênese da postura crítica de Sérgio Buarque também importa bem menos do que o resultado, que aponta para uma convivência entre crítico e historiador. E, finalmente, *Tentativas de Mitologia* acaba sendo ainda uma importante amostragem do grau de qualidade que atingiu, num determinado momento, entre nós, a chamada "crítica de rodapé" dos jornais, que contava com a participação de intelectuais do porte de Álvaro Lins, Mário de Andrade, Otto Maria Carpeaux, Tristão de Atáide, Sérgio Buarque de Holanda e Antonio Cândido, entre outros.